

**A LINGUÍSTICA DE TEXTO COMO LINGUÍSTICA DO SENTIDO: UMA  
VISÃO ESTRUTURAL DA SEMÂNTICA POR EUGÊNIO COSERIU NA  
REDAÇÃO DO ENEM 2015**

**THE LINGUISTICS OF TEXT AS A LINGUISTICS OF MEANING: A STRUCTURAL  
VIEW OF SEMANTICS BY EUGENIO SEW IN THE WRITING OF ENEM 2015**

Larisse Ferreira<sup>1</sup>

Unilab

Francisco de Assis<sup>2</sup>

Unilab

**Resumo:** Tendo em vista a linguística de sentido e a gramática transoracional de Coseriu (1979) o trabalho busca discutir como Coseriu trata da linguística do texto como uma “verdadeira” linguística de sentido. O nosso estudo parte das definições de Linguística de Sentido e de Gramática Trnsoracional de Coseriu (1979) e da concepção de texto - e de sentido - no cenário da Linguística de Texto atribuída por Koch (1997). Como *corpus* utilizaremos o exemplo da correção do gênero redação-exame, no exemplo da redação do Enem (2015), uma vez que se trata do objeto de estudo de nossa pesquisa e porque essa atividade interliga ambos os conceitos. Constata-se que ao avaliar a redação na primeira competência, analisa-se o texto de acordo com a Gramática Transoracional. No que se refere ao uso de mecanismos articulados com o propósito de construir um sentido argumentativo, o que evidencia o tratamento da Gramática de Sentido, pois ela vai além de simples regras gramaticais, preocupando-se, assim, com o sentido do texto, a coerência e coesão, ou seja, as competências 01 à 03 e à 04. Constata-se, então, que Coseriu (1979) considera como a “verdadeira linguística do texto” a linguística do sentido, pois se preocupa com a composição de um texto que tenha sentido, coerência, (a exemplo das competências 03 e 04, no parágrafo da redação do Enem transcrito) e não que apenas apresente um conjunto de regras gramaticais, uma vez que para ele a tarefa da Linguística do Texto é hermenêutica.

**Palavras – chave:** linguística; gramática; redação; Enem.

**Abstract:** Bearing in mind Coseriu's linguistics of meaning and transorational grammar (1979), the paper seeks to discuss how Coseriu deals with text linguistics as a “true” linguistics of meaning. Our study starts from Coseriu's (1979) definitions of Linguistics of Sense and

---

<sup>1</sup> Possui Graduação em Letras- Português pela Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ), Pós -Graduação em Metodologia do ensino da Língua Portuguesa e Literatura (UNOPAR ), mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Produção Textual com foco no ENEM. Atualmente exerce a função de professora de Língua Portuguesa e Redação na Rede Estadual do Ceará.

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Ceará; Especialização em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Excelência - Faex; Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade da Integração da Lusofonia Afro - Brasileira. É professor efetivo da rede pública estadual do Ceará e, atualmente, está Coordenador Pedagógico na EEMTI Menezes Pimentel.

Transrational Grammar and from the conception of text - and of meaning - in the context of Text Linguistics attributed by Koch (1997). As a corpus, we will use the example of the correction of the essay-exam genre, in the example of the Enem essay (2015), since it is the object of study of our research and because this activity interconnects both concepts. It appears that when evaluating writing in the first competence, the text is analyzed according to Transrational Grammar. With regard to the use of articulated mechanisms with the purpose of building an argumentative sense, which shows the treatment of the Grammar of Sense, since it goes beyond simple grammatical rules, thus being concerned with the meaning of the text, the coherence and cohesion, that is, competences 01 to 03 and 04. It appears, then, that Coseriu (1979) considers the “true linguistics of the text” to be the linguistics of meaning, as it is concerned with the composition of a text that has meaning, coherence, (like competences 03 and 04, in the transcribed Enem writing paragraph) and not just presenting a set of grammatical rules, since for him the task of Text Linguistics is hermeneutics.

**Keywords:** linguistics; grammar; essay; Enem.

**Recebido em 26 de maio de 2024.**

**Aprovado em 22 de julho de 2024.**

## **Introdução**

Considerado um dos principais estudiosos da linguística, o romeno Eugenio Coseriu articulou os princípios essenciais de sua teoria da linguagem a partir da linguística estrutural, no entanto, não se limitou somente a isso, uma vez que seus estudos apresentaram domínios nos mais diversos campos da linguística geral, sobretudo no campo filológico. No estudo do texto, Coseriu propõe que a linguagem apresenta níveis autônomos, sendo eles o *universal do falar*, o *histórico das línguas* e o *individual dos textos* (COSERIU, 2007).

Esses níveis perpassam pelos fenômenos comuns a todas as línguas, no seu caráter sígnico e na faculdade universal do falar, independentemente do idioma, pelos aspectos históricos das línguas, a partir da disposição de um léxico próprio dotado de significado, e pelo conteúdo próprio e exclusivo do texto. A partir desses níveis, Coseriu salienta o fato de que os textos são motivados por universos discursivos, algo que não ocorre com as línguas, mas que detêm tradições particulares, diferentes das tradições das línguas históricas.

Nessa perspectiva, o linguista romeno diferencia duas formas de concepção textual: o texto como nível autônomo da linguagem e o texto como nível de estruturação idiomática, voltados respectivamente para uma linguística de sentido e para uma

gramática transoracional. Por mais que haja tal distinção, Coseriu considera que não são contrárias e que uma não exclui a outra, uma vez que têm como ponto de encontro, de complementação, o plano linguístico idiomático e o individual.

É a partir disso que, mesmo com a consideração desses dois níveis presentes na linguística de texto, este artigo teórico busca discutir sobre como Coseriu trata da linguística do texto como uma “verdadeira” linguística de sentido.

## **1 A Gramática Transoracional e A Linguística do Sentido**

Antes de fazer uma abordagem sobre qual delas Coseriu considera verdadeiramente um aspecto linguístico do texto, é válido conceituar a Gramática Transoracional e Linguística de Sentido. A Gramática Transoracional como linguística de texto corresponde aos procedimentos semântico-gramaticais das línguas concretas, o que situa o saber gramatical no nível histórico da língua, além de conter normas de uma língua em especial para a estruturação do texto, desconsiderando circunstâncias de emprego. Já a Linguística de Sentido tem como objetos fundamentais os procedimentos de criação e de compreensão do sentido, já considerando circunstâncias de uso.

Ademais, é importante considerar que, enquanto a Gramática Transoracional tem seu foco no potencial de recursos disponíveis que ultrapassam os limites internos à oração, não dando conta do uso real da língua, a Linguística de Sentido trabalha no uso real do texto, na possibilidade de recuperação do sentido.

De modo a ilustrar tais concepções na Linguística de Texto, utilizaremos o exemplo da correção do gênero redação-exame, no exemplo da redação do Enem, uma vez que se trata do objeto de estudo de nossa pesquisa e porque essa atividade interliga ambos os conceitos.

Tendo a noção de produção do texto dissertativo-argumentativo como um processo que reúne habilidades e competências diferentes, mas interligadas, a Cartilha do Participante do Enem, documento que orienta a produção do gênero-exame associado à prova de redação, trata como base avaliativa do texto a relação entre 05 competências:

Competência 1: Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa. Competência 2: Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa. Competência 3: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista. Competência 4: Demonstrar conhecimento dos

mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação. Competência 5: Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos. (BRASIL, 2019, p. 6)

Para analisar um exemplo à luz da Gramática Transoracional e da Gramática do Sentido, utilizaremos, dentre essas 05 competências, as competências 01, 03 e 04 correspondentes, respectivamente, ao domínio da modalidade formal da língua, à organização das ideias e à articulação linguística na construção da argumentação.

Ao avaliar a redação na primeira competência, analisa-se o texto de acordo com a Gramática Transoracional, uma vez que seu foco está no potencial dos recursos que podem ser utilizados à construção textual. Assim, na Competência 1: “Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa” (Brasil, 2019, p.6), aspectos gramaticais serão avaliados e o participante precisa mostrar conhecimentos da língua formal, a partir da disponibilidade desses recursos.

No entanto, ao serem tratados de forma isolada, os recursos disponíveis à construção oracional como pontuação, escolha vocabular, registro, dentre outros, não dão conta, necessariamente, do uso real da língua, pois necessitam de uma contextualização sintática, semântica e pragmática para que o texto obtenha sentido. Essa contextualização interliga a competência 01 à 03 e à 04, no que se refere ao uso de mecanismos articulados com o propósito de construir um sentido argumentativo, o que evidencia o tratamento da Gramática de Sentido, pois ela vai além de simples regras gramaticais, preocupando-se, assim, com o sentido do texto, a coerência e coesão.

O fragmento a seguir, com grifo e alteração nossos, retirado de uma redação do Enem produzida em 2015 – A persistência da violência contra a mulher -, ilustra tal discussão:

O Brasil ainda não conseguiu se desprender das amarras da sociedade patriarcal. Isso se dá porque, ainda no século XXI, existe uma espécie de determinismo biológico em relação às mulheres. Contrariando a célebre frase de Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, a cultura brasileira, em grande parte, prega que o sexo feminino tem a função social de se submeter ao masculino, independentemente de seu convívio social, capaz de construir um ser como mulher livre. Dessa forma, os comportamentos violentos contra as mulheres são naturalizados, **mas** estavam dentro da construção social advinda da ditadura do patriarcado. Consequentemente, a punição para este tipo de agressão é dificultada pelos traços culturais existentes, e, assim, a liberdade para o ato é aumentada. (BRASIL, 2016, p.51)

As conjunções constituem-se como uma classe variada de palavras, no que se

refere ao uso e à construção de sentido. Assim, tornam-se recursos disponíveis à escrita do texto, em que seu uso pode demonstrar domínio do padrão-formal da língua, construção de sentido e articulação linguística.

No exemplo “Dessa forma, os comportamentos violentos contra as mulheres são naturalizados, **mas** estavam dentro da construção social advinda da ditadura do patriarcado”, os períodos “os comportamentos violentos contra as mulheres são naturalizados” e “estavam dentro da ditadura advinda do patriarcado” necessitam de uma coesão a partir de uma conjunção. Porém, o uso da conjunção “mas” confere uma relação semântica inadequada ao que se pretendia construir semanticamente, de acordo com a progressão das ideias no parágrafo. Seria coerente, nesse caso, o uso de uma conjunção explicativa, como o “pois”, por exemplo, para que a escolha vocabular de tal conjunção articulasse a argumentação a partir de uma noção de explicação de um fato anterior.

Nesse exemplo trazido de uma redação do Enem, é importante destacar que, à luz da Gramática Transacional, houve recursos disponíveis à construção do texto, no entanto, a relação semântica em uma das partes do parágrafo não se deu de forma satisfatória, pois houve confusão entre as noções de explicação e de adversidade. Assim, enquanto na competência 01 não houve desvios, nas competências 03 e 04, o uso inadequado da conjunção trouxe prejuízo à articulação linguística e na construção do sentido.

O fragmento do segundo parágrafo a seguir, com grifo nosso, foi retirado de uma redação do Enem produzida em 2015 – A persistência da violência contra a mulher -, nesse trecho há o emprego adequado do termo “porque”.

Além disso, há o estigma do machismo na sociedade brasileira. Isso ocorre **porque** a ideologia da superioridade do gênero masculino em detrimento do feminino reflete no cotidiano dos brasileiros. Nesse viés, as mulheres são objetificadas e vistas apenas como fonte de prazer para o homem, e são ensinadas desde cedo a se submeterem aos mesmos e a serem recatadas. Dessa maneira, constrói-se uma cultura do medo, na qual o sexo feminino tem medo de se expressar por estar sob a constante ameaça de sofrer violência física ou psicológica de seu progenitor ou companheiro. Por conseguinte, o número de casos de violência contra a mulher reportados às autoridades é baixíssimo, inclusive os de reincidência. (BRASIL, 2016, p.51)

O uso da conjunção “porque” foi empregada de forma adequada ao contexto, uma vez que explica a oração anterior. Com isso, em termos da Gramática Transacional e de acordo com a avaliação da Competência 01 não houve desvios quanto ao emprego desse recurso gramatical. Ao considerar as competências 03 e 04 a conjunção foi

empregada de forma coerente, fato que promoveu a articulação entre as orações e contribuiu para a progressão de ideias no parágrafo.

A articulação entre as orações é feita, principalmente, por meio das orações coordenadas e subordinadas, ou seja, pela ideia de independência e dependência. Quanto a classificação as conjunções coordenadas são aditivas, alternativas, adversativas, explicativas e conclusivas já as causais, condicionais, concessivas, consecutivas, comparativas, conformativas, temporais, proporcionais e finais são classificadas como subordinadas segundo Ormundo, Wilton (2020). Diante dessa classificação, o que vai identificar o uso dessas conjunções vai ser a relação de sentido que o participante quiser estabelecer, por exemplo a conjunção “pois” pode ser classificada como conjunção conclusiva ou explicativa, o que vai definir será o contexto em que ela for empregada bem como a posição do verbo.

Outros elementos que promovem a articulação Paráfrastica e interparágraficas são os conectores. No Quadro a seguir há essa relação.

**Quadro 1:** Conectores Paráfrásticos e interparágraficos presentes nas Redações

<b>Parágrafo da Redação</b>	<b>Conectores Paráfrásticos e interparágraficos</b>
Parágrafo da Redação 1 - Além disso, a continuidade de práticas violentas contra a mulher é favorecida pelo que o pensador Pierre Bourdieu definiu como violência simbólica. Nesse tipo de violência, a sociedade passa a aceitar como natural as imposições de um segmento social hegemônico, neste caso, o gênero masculino, causando a legitimação da violação de direitos e/ou da desigualdade. Nesse contexto, urge a tomada de medidas que visem mitigar a crença de que as mulheres são inferiores. Para isso, cabe à sociedade civil organizada, o terceiro setor, a realização de palestras que instrua acerca da igualdade entre os gêneros. Ao poder público, cabe instituir a obrigatoriedade de participação masculina em fóruns, palestras e seminários que discorram acerca da importância do respeito às mulheres.	Além disso, Nesse contexto...
Parágrafo da Redação 2 - A violência contra a mulher no Brasil tem apresentado aumentos significativos nas últimas décadas. De acordo com o mapa da violência de 2012, o número de mortes por essa causa aumentou em 230% no período de 1980 a 2010. Além da física, o Balanço de 2014 relatou cerca de 48% de outros tipos de violência contra a mulher, dentre esses a psicológica. Nesse âmbito, pode-se analisar que essa problemática persiste por ter raízes históricas e ideológicas.	De acordo, por essa, Além da, Nesse âmbito...

(Autoria nossa a partir da análise de Redações disponibilizadas no Manual de Redação 2016)

Os conectores parágraficos promovem a articulação entre as orações no próprio parágrafo, a exemplo disso são os termos “De acordo, por essa, Além da, Nesse âmbito” vistas no Quadro 1. Já os conectores interparágraficos são aqueles que a articulação é feita entre os parágrafos, por exemplo, o termo “Além disso” que estabelece uma relação com o parágrafo anterior.

Diante da comparação exemplificada da concepção e uso da Gramática Transcoracional e da Linguística de Sentido, torna-se necessário, ainda, considerar a concepção de texto - e de sentido - no cenário da Linguística de Texto atribuída por Koch (1997) não como um produto, mas sim como um *processo* construído a partir do momento em que interlocutores, diante de uma manifestação linguística, dada uma ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, nessa atividade comunicativa, determinado sentido.

Ao adotar tal concepção, percebe-se a importância de envolver nesse processo fatores pragmáticos e contextuais às análises da Linguística de Texto. Isso se dá devido à ideia de que os interlocutores, numa manifestação comunicativa, estão engajados em situações interativas social e historicamente dadas, e que os significados trazidos no contexto de produção do texto são relevantes para a construção do sentido. Isso pode ser visto claramente na argumentação na redação do Enem, quando o autor do texto busca, a partir de um repertório e por meio de técnicas argumentativas, justificar seu ponto de vista. Essa justificativa, muitas vezes, flui de um contexto individual, pessoal, que traduz a forma como o autor enxerga a problemática do qual se fala no texto.

Dado isso, Coseriu propõe a formulação de princípios na Linguística de Texto consistentes na concepção dos *níveis do falar* no ato constitutivo do texto, uma vez que trata desse nível “como um nível autônomo no domínio do falar como atividade humana universal” (Costa, 2009, p. 167). Dentro dessa categorização, o teórico considera o nível individual como o mais próximo, em âmbitos de associação, da Linguística de Texto, caracterizando-a como Linguística de Sentido, pois consiste na interpretação do contexto como condição de produção textual.

Portanto, Coseriu considera como a “verdadeira linguística do texto” a linguística do sentido, pois se preocupa com a composição de um texto que tenha sentido, coerência, (a exemplo das competências 03 e 04, no parágrafo da redação do Enem transcrito) e não que apenas apresente um conjunto de regras gramaticais, uma vez que para ele a tarefa da

Linguística do Texto é hermenêutica, isto é, voltada à interpretação do texto, do discurso, a partir do sentido das palavras.

Mesmo não adotando a gramática transoracional como concepção de linguística textual, Coseriu considera que a gramática transfrástrica “é uma ciência auxiliar indispensável para a linguística do texto” (COSERIU, 2007, p. 322).

## **2 A proposta de Coseriu de Linguística de Texto como linguística de sentido presente no sistema linguístico de Saussure**

Para Saussure (1972), a língua é formada por um sistema de signos, um vez que, sem esse sistema, não seria possível distinguir duas ideias de modo constante. Ainda para o autor, o signo linguístico se trata de uma unidade psíquica formada por duas partes, também psíquicas, que se unem: o significante e o significado. O significante corresponde à imagem acústica, enquanto o significado, ao conceito. Por exemplo, ao falar a palavra *casa*, imagina-se um local para morar, essa imagem provém do conceito que tenho sobre *casa*.

Esse “conceito” é construído a partir de uma ordem situacional, sociocultural e linguística de cada indivíduo, carregada em um contexto de significação que permite, de acordo com o grupo do qual um indivíduo faz parte e dos aspectos situacionais, socioculturais e linguísticos, atribuir uma relação entre significante e significado.

Sob a ótica saussuriana, o sistema linguístico é aquele em que nenhum termo ou elemento linguístico pode se definir por si mesmo, mas somente em relação aos outros termos do sistema. Como a Linguística não oferece um elemento único, uma entidade pura e simples, quantificável, mensurável, dado de antemão, como se vê nas ciências biológicas, essa ausência de uma unidade concreta permite que Saussure defenda a ideia de que é o ponto de vista que cria o objeto.

Na mesma linha, no âmbito da linguística de texto, Coseriu propõe, assim, como “verdadeira” Linguística de Texto a Linguística do Sentido, dado o seu caráter hermenêutico, uma vez que seus objetos fundamentais são os procedimentos de *criação* e de *construção do sentido* (COSERIU, 2007, p. 157). Nesse sentido, para que se compreenda a definição desse objeto de estudo, é necessário considerar os três tipos de conteúdo associados ao nível do falar: a designação, o significado e o sentido.



A designação, enquanto nível universal da linguagem, é compreendida como a propriedade que as línguas têm de se referir à realidade extralinguística. O significado, por sua vez, é compreendido como modos de representação específicos das línguas particulares. Já o sentido corresponde ao conjunto desses conteúdos como uma organização do que designam os signos linguísticos e o que significam em uma determinada língua.

Assim, a proposta de Coseriu de uma Linguística de Texto como Linguística do Sentido, a partir da *designação, do significado e do sentido*, como a “verdadeira” Linguística de Texto, recupera o conceito de sistema de Saussure quando este cria o objeto da Linguística a partir do ponto de vista da própria língua, considerada um produto social para o estudo linguístico.

Ao considerar o caráter científico da língua, ao acreditar que não se pode abarcar o todo da linguagem, Saussure não delimita o estudo linguístico em um só objeto, algo também proposto na Linguística de Sentido, e, por isso, mantém aberta sua conhecida abordagem de estudo da língua a partir das dicotomias.

Na antinomia *sincronia e diacronia*, Saussure reconhece que a sincronia – o “estado da língua” – depende da diacronia, pois observa que toda mudança repercute no sistema, e que esse sistema, sincrônico, é condicionado pelos fatos diacrônicos. No entanto, não reconhece dependência alguma no sentido contrário, ao acreditar que as mudanças são fenômenos alheios aos sistemas.

Diante disso, o romeno Eugênio Coseriu traz uma revisão dessa dicotomia saussureana a partir de uma perspectiva do uso real da língua. Para Coseriu, o objeto da linguística seria o uso real da linguagem pelos falantes, não o tratamento da língua como um sistema abstrato. Esse objeto seria, portanto, mutável, consequência da sua própria historicidade e que os seres falantes desse sistema têm papel importante em suas mudanças, sendo a língua, portanto, um sistema de produção, não um sistema estático. Nesse viés, o romeno critica a uma analogia da língua por Saussure, “... em que a mutabilidade do sistema deve-se não pela norma e sim pela evolução natural de mudança da própria língua” (SANTOS, MAIA, ABREU, 2019, p. 09).

Coseriu ainda trata como fictícia a noção de delimitar a sincronia, tida como o estado da língua. Para ele, “delimitar uma sincronia é, até certo ponto, uma ficção, pois a todo momento, em qualquer língua, [...] o velho convive com o novo, e é essa convivência

de fragmentos de velhos sistemas com fragmentos de novos sistemas que caracteriza um estado de língua dado” (ILARI, 2004, p. 81)”. Desse modo, Coseriu reforça sua crítica à ideia de ordenar no tempo um conjunto de mudanças sincronicamente acabadas, acreditada por Saussure na noção do estado da língua.

## 2.1 Um fato diacrônico é a produção de um fato sincrônico

A explicação de Eugênio Coseriu de que um fato diacrônico é, na realidade, a produção de um fato sincrônico parte do entendimento de que a língua é uma atividade, não um produto estático, e que, ao ser considerada um “sistema de produção”, reforça que o caráter técnico da Linguística traz, na sua essência, um sistema de criação de fatos novos, não da simples repetição do que já se foi feito.

Nesse sentido, entender que a língua é uma *atividade* está para além dos limites entre sincronia e diacronia: aponta para a ideia de que tanto o funcionamento das regras quanto as mudanças ocorridas na língua não são dois momentos, mas um só. Isso permite concluir que, enquanto a tradicional noção de sincronia e de diacronia, postulada por Saussure, diferencia a função da construção da língua, o entendimento de que a linguagem é um processo e também um produto, defendido por Coseriu, trata da construção da língua também como seu funcionamento, isto é, a língua funciona a partir da sincronia, que é constituída diacronicamente.

## 2.2 A Substância altera a Forma

Coseriu faz uma abordagem interessante ao dizer que a substância altera a forma. Isso é percebido quando exemplifica a estátua de mármore (forma), que pode se transformar em uma cópia de bronze (substância), do qual a forma que antes era a estátua de mármore sofreu alterações deixando de ser a mesma, assim, a realização em substâncias diversas implica em uma nova variante também da forma e não apenas da substância.

Uma estátua é, certamente, uma “forma”, mas é concebida desde o início como forma organizadora duma substância determinada; é concebida para o bronze, para o mármore, a madeira ou pedra, e não para uma matéria qualquer. É verdade que uma forma pode ser transladada parcialmente para outra substância; por exemplo, de uma estatura de mármore se pode fazer uma cópia em bronze. Mas, no novo material, a

forma deixa de ser “a mesma” (Coseriu, 1979, p. 13)

Ao traçar um paralelo entre forma e substância e o objeto de estudo de nossas pesquisas, vê-se que o texto dissertativo-argumentativo apresenta um conjunto de regras (forma) que devem ser seguidas, pois corresponde a um sistema, mas se o aluno reescrever esse texto fazendo uso de paráfrases, o texto será modificado. Assim, a substância alterará a forma.

Frequentemente, percebemos em nossas aulas de redação que os alunos estão cada vez mais fazendo uso de paráfrases linguísticas dos textos base para compor o texto dissertativo-argumentativo. Essa atividade de escrita funciona como uma tática para se evitar o plágio, mas prejudica sua avaliação de acordo com as competências específicas da redação do Enem. Portanto, tendo em vista o conceito de forma e substância para Coseriu, verifica-se que a língua não pode ser vista apenas como forma, estrutura ou um conjunto de regras imutáveis.

## CONCLUSÃO

Este ensaio buscou discutir sobre como Coseriu trata da linguística do texto como uma “verdadeira” linguística de sentido. Ao ilustrar esse tratamento a partir da correção de um fragmento de uma redação-exame, foi possível perceber como a linguística de sentido está associada à teoria dos campos semânticos, de modo que é a relação dada entre as palavras e suas vizinhas que cria e caracteriza o sentido global de períodos e, conseqüentemente, do texto.

No âmbito da gramática transoracional, há recursos indispensáveis para a substituição de termos em um texto, mas isso não significa que o sentido proposto pela sentença permaneça ou, ainda, se mantenha de forma semelhante. É preciso, no entanto, perceber que a linguística de texto deve acompanhar o caráter dinâmico da linguagem numa constante renovação de campos lexicais.

Tendo em vista isso, viu-se que o foco o trabalho de reconhecer a linguística de texto como uma linguística de sentido, na perspectiva proposta por Eugenio Coseriu de estruturação os campos lexicais, pode ser associado a diferentes contextos de estudo da língua, assim como propôs o autor em seus estudos em meados do século XX. Nesse contexto de percepção da língua como objeto de uso social, a linguagem tem caráter

dinâmico, o que evidencia o fato de que não se pode perceber a língua de forma estática, porque se perderá de vista a evolução da língua no sistema linguístico e social.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2019: cartilha do participante*. Brasília, 2016.
- COSTA, I B. *Forma e Contexto na Linguística do Texto de Eugenio Coseriu*. Revista Letras, Curitiba, N. 78, p. 165-184, maio/ago. 2009.
- CARVALHO, J L Q. Revisitando os conceitos de sincronia e diacronia no “Curso de linguística geral”. *Revista Espaço Acadêmico*. n. 181, jun. 2016.
- KOCH, I V. *O texto e a construção do sentido*. São Paulo: Contexto, 1997.
- ORMUNDO, WILTON. *Se liga nas linguagens: Português*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.
- SANTOS, D K M; MAIA, W S; ABREU, R N. *Sincronia, diacronia e história: contribuição a leitura de Eugenio Coseriu*. Trabalhos finais e parciais de curso: Trabalhos de conclusão de Graduação, 2019. Disponível em: <http://openrit.grupotiradentes.com:8080/xmlui/handle/set/2405>  
Acesso em 11 de outubro de 2021.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SOBRAL, P O. Escrita: um sistema lingüístico. *ReVEL*. Edição especial n. 2, 2008.

## Anexos

**Anexo A:** Proposta de Redação



## PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **"A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira"**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

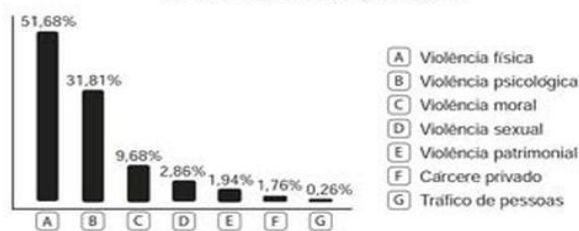
### TEXTO I

Nos 30 anos decorridos entre 1980 e 2010 foram assassinadas no país acima de 92 mil mulheres, 43,7 mil só na última década. O número de mortes nesse período passou de 1.353 para 4.465, que representa um aumento de 230%, mais que triplicando o quantitativo de mulheres vítimas de assassinato no país.

WALSELFISZ, J. J. *Mapa da Violência 2012*. Atualização: Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: [www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br). Acesso em: 8 jun. 2015.

### TEXTO II

#### TIPO DE VIOLÊNCIA RELATADA



BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Balancço 2014*. Central de Atendimento à Mulher: Disque 180. Brasília, 2015. Disponível em: [www.spm.gov.br](http://www.spm.gov.br). Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

### TEXTO III



Disponível em: [www.compromissoestude.org.br](http://www.compromissoestude.org.br). Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

### TEXTO IV

#### O IMPACTO EM NÚMEROS

*Com base na Lei Maria da Penha, mais de 330 mil processos foram instaurados apenas nos juizados e varas especializados*

**332.216** processos que envolvem a Lei Maria da Penha chegaram, entre setembro de 2006 e março de 2011, aos **52** juizados e varas especializados em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher existentes no País. O que resultou em:



**58** mulheres e **2.777** homens enquadrados na Lei Maria da Penha estavam presos no País em dezembro de 2010. Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul não constam desse levantamento feito pelo Departamento Penitenciário Nacional



**237 mil**

relatos de violência foram feitos ao Ligue 180, serviço telefônico da Secretaria de Políticas para as Mulheres



**Sete** de cada **dez** vítimas que telefonaram para o Ligue 180 afirmaram ter sido agredidas pelos companheiros

Fontes: Conselho Nacional de Justiça, Departamento Penitenciário Nacional e Secretaria de Políticas para as Mulheres

Disponível em: [www.istoe.com.br](http://www.istoe.com.br). Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

#### INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

década , o aumento percentual do número de mulheres vítimas de homicídio no Brasil persiste. Tipificada pela violência física , moral , psicológica ou sexual , a violação dos direitos femininos tem suas raízes em construções sociais e culturais, incorporadas como legítimas, que precisam ser desfeitas, pois, do contrário, o ideal de indistinção no gozo dos direitos fundamentais do cidadão não se consolidará.

A crença na subalternidade feminina é construída socialmente. A filósofa Simone de Beauvoir corrobora isso ao afirmar que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Os dizeres de Beauvoir revelam como a associação da figura feminina a determinados papéis não é condicionada por características biológicas, mas por pré-determinações sociais. Seguindo essa linha de pensamento, é usual , por exemplo, que mulheres que exerçam profissões tradicionalmente associadas a homens, como a de motorista , sofram preconceito no ambiente de trabalho e sejam violentadas psicologicamente.

Além disso, a continuidade de práticas violentas contra a mulher é favorecida pelo que o pensador Pierre Bourdieu definiu como violência simbólica. Nesse tipo de violência , a sociedade passa a aceitar como natural as imposições de um segmento social hegemônico, neste caso, o gênero masculino, causando a legitimação da violação de direitos e/ou da desigualdade. Nesse contexto, urge a tomada de medidas que visem mitigar a crença de que as mulheres são inferiores. Para isso, cabe à sociedade civil organizada , o terceiro setor, a realização de palestras que instruam acerca da igualdade entre os gêneros. Ao poder público, cabe instituir a obrigatoriedade de participação masculina em fóruns, palestras e seminários que discorram acerca da importância do respeito às mulheres.

Procedendo-se assim, casos como o da francesa Olympe de Gouges, guilhotinada na Revolução Francesa por exigir direitos femininos, ficarão apenas como o símbolo de um passado em que os Direitos Humanos não eram para todos

(BRASIL, 2016, p.49)

#### **Anexo C: Redação 2 (AMANDA CARVALHO MAIA CASTRO Escola privada de Niterói – RJ)**

A violência contra a mulher no Brasil tem apresentado aumentos significativos nas últimas décadas. De acordo com o mapa da violência de 2012, o número de mortes por essa causa aumentou em 230% no período de 1980 a 2010. Além da física , o Balanço de 2014 relatou cerca de 48% de outros tipos de violência contra a mulher, dentre esses a psicológica. Nesse âmbito, pode-se analisar que essa problemática persiste por ter raízes históricas e ideológicas.

O Brasil ainda não conseguiu se desprender das amarras da sociedade patriarcal . Isso se dá porque , ainda no século XXI, existe uma espécie de determinismo biológico em relação às mulheres. Contrariando a célebre frase de Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, a cultura brasileira , em grande parte , prega que o sexo feminino tem a função social de se submeter ao masculino, independentemente de seu convívio social , capaz de construir um ser como mulher livre. Dessa forma , os comportamentos violentos contra as mulheres são naturalizados, por estarem dentro da construção social advinda da ditadura do patriarcado. Consequentemente , a punição para esse tipo de agressão é dificultada pelos traços culturais existentes, e , assim, a liberdade para o ato é aumentada.

Além disso, há o estigma do machismo na sociedade brasileira. Isso ocorre porque a ideologia da superioridade do gênero masculino em detrimento do feminino reflete no cotidiano dos brasileiros. Nesse viés, as mulheres são objetificadas e vistas apenas como fonte de prazer para o homem, e são ensinadas desde cedo a se submeterem aos mesmos e a serem recatadas. Dessa maneira , constrói-se uma cultura do medo, na qual o sexo feminino tem medo de se expressar por estar sob a constante ameaça de sofrer violência física ou psicológica de seu progenitor ou companheiro. Por conseguinte , o número de casos de violência contra a mulher reportados às autoridades é baixíssimo, inclusive os de reincidência.

Pode-se perceber, portanto, que as raízes históricas e ideológicas brasileiras dificultam a erradicação da violência contra a mulher no país. Para que essa erradicação seja possível , é necessário que as mídias deixem de utilizar sua capacidade de propagação de informação para promover a objetificação da mulher e passe a usá-la para difundir campanhas governamentais para a denúncia de agressão contra o sexo feminino. Ademais, é preciso que o Poder Legislativo crie um projeto de lei para aumentar a punição de agressores, para que seja possível diminuir a reincidência. Quem sabe , assim, o fim da violência contra a mulher deixe de ser uma utopia para o Brasil .

(BRASIL, 2016, p.51)